



Quarup, o ritual de homenagem aos mortos ilustres do Parque Nacional do Xingu, e que significa, o fim do período de luto, está sendo realizado

desde o último dia cinco, com uma pescaria coletiva e será encerrado no próximo domingo, com a presença dos ministros Aluisio Pimentá, da Cultura, — que representará o presidente José Sarney — do Interior, Ronaldo Costa Couto, e do Trabalho, Almir Pazzianotto, na aldeia Yawalapiti, no Posto Indígena Leonardo Villas Boas.

Desta vez, serão três os mortos homenageados: os sobrinhos do cacique Takumã, Maraukapá e Menhü Utap de 16 e 17 anos respectivamente, que ingeriram alimentos tóxicos, e a filha de Aritana, um dos campeões de Huka-Huka — integrantes do cerimonial — que faleceu aos dois meses de idade.

Cada um dos mortos é representado na festa por um tronco de árvore devidamente ornamentado com os enfeites peculiares às tribos locais, no caso nove, e que representam cerca de mil índios. Oferece a festa a grupo que tiver maior disponibilidade financeira. Portanto, "dentro de um mesmo grupo pode haver intervalos de vários anos entre duas cerimônias desse tipo", uma vez que ela implica em grandes gastos "com uma considerável produção de alimentos e artefatos", conforme revela estudo da antropóloga Carmem Sylvia Junqueira de Barros Lima.

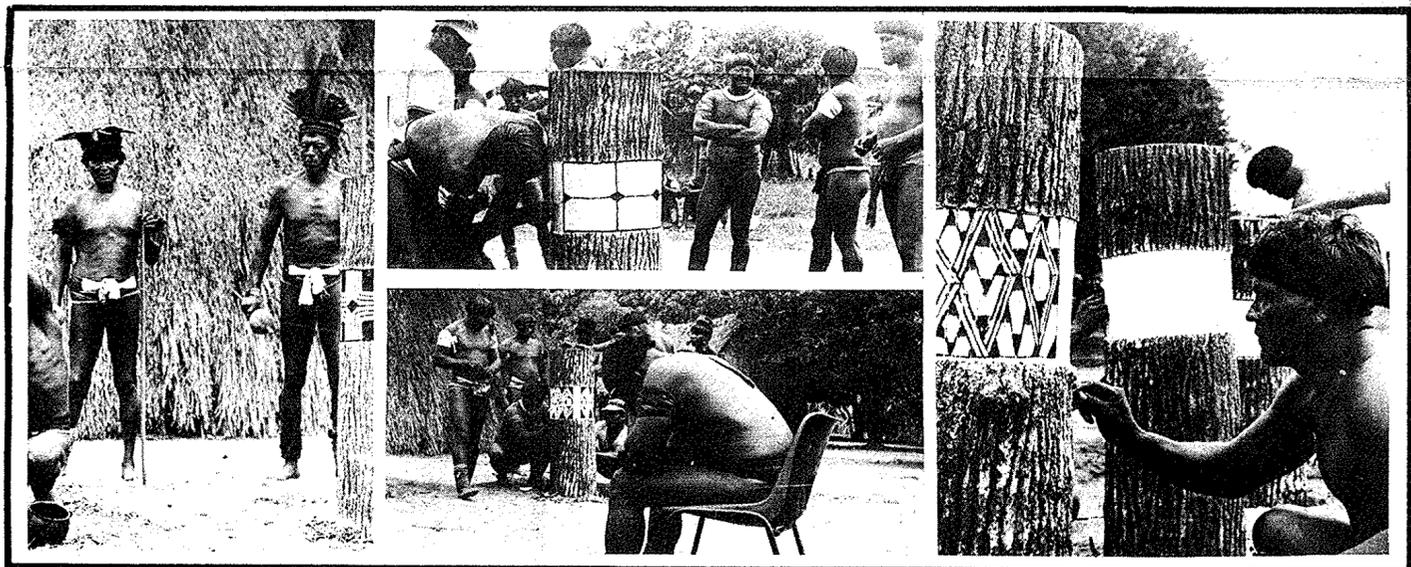
Preparativos
Segundo ela, "durante os preparativos para a festa, três níveis de economia do grupo incrementam sua produção: a dos parentes mais próximos do morto, a dos moradores da sua casa e dos membros da aldeia. Os parentes próximos produzem adornos em número suficiente para seu uso e para enfeitar o Quarup (tronco de árvore). A fiação de algodão para a confecção de faixas e a coleta de penas para cocares e braceleiras e outros enfeites é intensificada. O grupo doméstico que habita a mesma casa colabora no armazenamento de bolos de mandioca. Ao lado da quantidade de alimento necessário para fazer frente à época das chuvas, acrescenta-se aquela que deverá ser distribuída aos convidados".

Carmem informa que o Quarup realiza-se tradicionalmente durante os meses mais secos do ano e que antecedem à época das grandes chuvas: agosto e setembro. O cacique Yanuculã Kamaiurá, diz que isso acontece em razão do número de convidados para a festa ser muito grande e eles não possuem

QUARUP

Índios do Xingu vão reverenciar mortos

O Quarup é um dos mais belos rituais dos índios que vivem no Parque Nacional do Xingu. Durante dois dias, eles prestam homenagem a seus mortos. Um tronco de madeira pintado simboliza o ponto alto da festa que este ano terá a presença de dois ministros.



local coberto que abrigue a todos no período das chuvas.

Finalmente — diz a antropóloga — é na pesca que todos os membros do grupo cooperam independentemente de terem ou não parente a ser homenageado. O brilhantismo da cerimônia pode ser avaliado não apenas pela fartura do que é distribuído — a avareza é uma mesquinhez severamente criticada pelos índios — como também pela presença de maior número de grupos convidados.

— Isso faz com que grupos pouco numerosos solicitem o auxílio dos grupos com os quais mantêm relações mais amistosas para garantir o sucesso da festa. Esse

auxílio consiste em ajudar na pesca coletiva e, principalmente, em participar como elemento aliado na parte competitiva dos jogos desportivos da festa, diz Carmem.

Como é

Os troncos de árvore são colocados dois dias antes do final da festa, escondidos — à aldeia coberto com galhos e folhas, longe da vista das mulheres e dos rapazes ainda não-iniciados na vida sexual — recolhidos às malocas pelo período de três meses, onde são treinados na confecção de arco e flechas, entre outros artesanatos, e na prática da luta Huka-Huka.

Durante todo o período dos três últimos dias acontece a preparação dos troncos, a chegada das tribos convidadas, e na véspera do encerramento do luto, à noite, há o cerimonial de lamentação pelos mortos que se prolonga por toda a madrugada. Na manhã do terceiro dia acontece a luta Huka-Huka e em seguida são apresentados os jovens que se encontravam reclusos, às mocinhas em idade de reproduzir. Logo depois, os troncos são jogados no rio Tauturi, e os índios ficam certos de que seus mortos ressuscitam para outra vida, em outro plano da existência.

Quase todo o cerimonial é acompanhado de cânticos e são tocadas

as flautas "uruá", que encerram a grande festa indo seus tocadores de casa em casa.

O fato dos índios utilizarem troncos para representarem seus mortos é explicado assim na sua mitologia: herói Mavutiznín trabalhou a madeira para lutar contra os inimigos, pássaros da cauda amarela, conhecidos como Japins e que atacavam e matavam os homens. O herói apoderou-se das penas das caudas e as distribuiu entre seus companheiros, vencendo os pássaros, e a morte.

Convite

O convite feito a representantes

do Governo da Nova República para assistir o Quarup é uma deferência especial dos índios que somente a tiveram antes, uma única vez, em cinco de agosto de 1979 quando convidaram o então ministro do Interior, Mário Andreazza, para assisti-la. Desde então, como o relacionamento entre índios e Governo Federal não aconteceu como era esperado, nunca mais o convite foi renovado.

Mas, segundo o diretor do Parque Nacional do Xingu, Megaron Txucarramãe, a Nova República traz novas esperanças de convivência "que se espera sejam gratificantes para ambos os lados".

ARTES PLÁSTICAS

Ha tempos atrás frequentei as páginas do Jornal de Brasília fazendo algo parecido com crítica de arte. Digo propositalmente algo parecido pois tenho certa ojeriza pela crítica de arte como se praticam entre nós, não obstante existirem gloriosas exceções. Eu não diria, por exemplo, referindo-me à obra de um pintor: "A dinâmica apreendida através do tempo, conjuntamente, com aptidões e tarefa, serve para fechar o ciclo na montagem de estruturas, a continuidade sedimentadora da linguagem. E um acompanhamento de imagens, sentimentos, disposições e inteligência, numa ação acentuada em função à mecânica da ideia e imaginação". Note-se que não inventei isto — trata-se de um trecho de crítica sobre a obra de um conhecido pintor. Em conclusão — não pretendo ser hermetico, ou, como queiram, não consigo ser hermetico.

Também não acredito na crítica como elucidação ou tradução dos valores de determinada obra de arte. Quem é aficionado das artes ou gosta de um determinado artista, ou ainda de uma determinada obra, já tem dentro de si todas as razões necessárias e suficientes para a fruição estética. Qual seria então a função do crítico de arte e o que justifica sua existência? Recorro-me ao crítico inglês Harold Osborne, fundador da Sociedade Britânica de Estética e autor de numerosos trabalhos sobre questões de teoria da arte que em seu livro "A Apreciação da Arte", de maneira curta e direta, definiu o trabalho do crítico: "Não vamos ao crítico para confirmar nossa própria 'leitura' ou para aprender a diferenciar o certo do errado, mas na esperança de que com as suas sugestões a nossa própria apreensão possa ser aprofundada e enriquecida".

Com base nisto não creio que se torne muito difícil estabelecer,

como se diz hoje, um canal de comunicação entre este pretoso crítico e os leitores e fruidores de obras de arte. Já que expliquei como cheguei, é preciso que se diga por que cheguei. Qualquer pessoa que tenha algum interesse pelas artes sabe que em Brasília, ou melhor, no eixo Brasília-Goiania está ocorrendo um intenso movimento no terreno das artes plásticas e cujo epicentro deve ser Brasília. As galerias se multiplicam (em Goiania existem cerca de vinte), as exposições se sucedem, os salões acontecem e vêm atrás disso tudo, um intenso movimento de dinheiro.

Esses fatos necessitam ser comentados e exigem uma divulgação. O Jornal de Brasília já tem uma certa tradição nesse sentido. Aprofundando — isso comparecei aqui semanalmente fazendo comentários, à guisa de crítica, das exposições e eventos similares que ocorram na Cidade.

Elder Rocha Lima



Cartazes japoneses e Flávio de Carvalho na FCDF

Os salões da Fundação Cultural do Distrito Federal abrigam duas excelentes exposições.

Os cartazes japoneses são perquirados em vista de sua alta qualidade pictórica e o requinte técnico da impressão, principalmente quando se trata de serigrafia. Uma pergunta fica no ar — será que não estamos defronte de um tipo de expressão artística tão bela e emocionante como a convencional, isto é, aquela que fica pendurada nas paredes de nossos museus?

A boa arte dos cartazes nos leva a considerá-la como arte maior e não transitória.

Flávio de Carvalho foi um homem de atitudes por vezes bizarras e que exerceu atividades múltiplas e até contraditórias. Mas foi seu trabalho como pintor

e desenhista que deixou uma marca indelevel na cultura brasileira. Como desenhista atingiu um nível que poucos artistas no Brasil conseguiram.

Seus quadros a óleo com suas cores aleatórias, pelo menos no que diz respeito à cor local, são de grande beleza expressionista e traduzem, através de pinceladas gestuais, o temperamento agitado e angustiado do pintor.

Salão de Goiania
A Prefeitura Municipal de Goiania, através do Museu de Arte de Goiania, já divulgou o Regulamento do Salão Nacional de Artes Plásticas de Goiania. Trata-se de um evento que ocorre anualmente e já constitui uma certa tradição. A mostra permanecerá aberta do dia 23 de outubro a 24 de novembro do corrente ano.